

UM DIA NO HOSPITAL (HOSPITAL SKETCHES), POR LOUISA MAY ALCOTT

A DAY (HOSPITAL SKETCHES), BY LOUISA MAY ALCOTT



Traduzido por:

Rodrigo Bilhalva MONCKS
Pesquisador autônomo
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8012872548133974>
<https://orcid.org/0000-0002-8503-874X>
rodrigomoncks@gmail.com

Resumo: Na obra *Hospital Sketches*, a autora estadunidense Louisa May Alcott narra sua experiência como enfermeira voluntária pela União, frente abolicionista na Guerra de Secessão norte-americana. A narrativa se origina de cartas enviadas por Alcott à sua família, posteriormente publicadas no jornal *Commonwealth*, de Boston, e compiladas como livro em 1863. Esta é uma tradução inédita de uma dessas entradas no diário de Tribulation Periwinkle, pseudônimo assumido pela autora em sua história como enfermeira em um hospital de campanha durante a guerra.

Palavras-chave: Louisa May Alcott. Hospital Sketches. Guerra civil dos Estados Unidos. Literatura Estadunidense. Tradução literária.

Abstract: In *Hospital Sketches*, American author Louisa May Alcott recounts her experience as a volunteer nurse for the Union, the abolitionist side in the American Civil War. This narrative originates from letters sent by Alcott to her family, later published in the magazine *Boston Commonwealth* and edited as a book in 1863. This is the first translation of one of the entries in the diary of Tribulation Periwinkle, pseudonym assumed by the author in her tales as a nurse in a field hospital during the war.

Keywords: Louisa May Alcott. Hospital Sketches. American Civil war. American literature. Literary translation.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Autora e obra

Louisa May Alcott (1832 – 1888) foi uma autora estadunidense nascida em Germantown, distrito hoje incorporado à Filadélfia, Pensilvânia. Sua mãe, Abigail May, era assistente social e seu pai, Amos Alcott, professor e filósofo. Alcott cresceu com a presença de notórios autores e pensadores em sua casa, amigos de seus pais, como Nathaniel Hawthorne e Henry David Thoreau. Escrevendo desde criança, ela publicou, ao longo de sua vida, diversos romances, contos e crônicas, em prosa e poesia.

Sua obra mais famosa é *Little Women* — publicada originalmente no Brasil como *Mulherzinhas*, em 1934, tradução de Godofredo Rangel —, a primeira novela de uma trilogia semiautobiográfica sobre a sua vida e a de sua família. As narrativas de Alcott são reconhecidas por representarem mulheres independentes, à época da primeira onda do feminismo nos Estados Unidos. A autora fundou, ainda, a União Educacional e Industrial das Mulheres de Boston, cidade no estado de Massachusetts, onde passou a infância e a vida adulta.

2

Louisa May Alcott era também abolicionista e defensora dos direitos civis. Durante a Guerra de Secessão — também conhecida como Guerra Civil Americana —, na qual a União (região norte dos E.U.A.) lutou pelo fim da escravidão e os Confederados (região sul) pela sua manutenção, Alcott se voluntariou como enfermeira pela União. Durante o período em que serviu em Georgetown, Washington, a autora escreveu cartas para sua família, relatando suas experiências. Ao voltar para casa, após contrair tifoide, Alcott editou as correspondências e as publicou no jornal *Commonwealth*, de Boston. O sucesso das publicações fez com que fossem, então, compiladas em um livro, intitulado *Hospital Sketches* (1863), ainda sem tradução publicada no Brasil. O texto a seguir é uma tradução inédita de uma das entradas do diário da enfermeira Tribulation Periwinkle, pseudônimo assumido pela autora em seus rascunhos no hospital de campanha durante a guerra.

Quanto à tradução em si, meu projeto consistiu em buscar a manutenção de diferentes registros de fala e das referências literárias, características de Alcott. As referências que pude encontrar foram apontadas em notas de rodapé, apresentando o nome da obra original e de quem a escreveu. Muitas eram destacadas no texto-fonte em itálico, e assim o fiz na tradução, mas tantas outras foram percebidas por mim apenas através de estranhamentos causados na leitura.

Quando a autora cita diretamente um trecho de outra obra, essa citação tende a ser livre, buscando adaptar termos ao próprio contexto da narrativa. Assim, preferi fazer minhas próprias traduções, consultando as obras apenas para fins de garantia de compreensão do significado.

Em relação aos dialetos e registros apresentados pela autora na fala dos soldados estadunidenses, resolvi por traduzi-los em uma mescla de gírias e expressões idiomáticas de diferentes regiões brasileiras. Propositadamente não mantive, assim, um padrão dialético que fizesse dado personagem ser reconhecido como proveniente de um estado brasileiro específico, mas utilizei uma coleção de diferentes expressões visando representar o registro informal da fala, notório no texto-fonte.

UM DIA NO HOSPITAL

— Eles chegaram! Eles chegaram! Vamos, meninas, precisamos de vocês.

— Quem chegou? Os rebeldes?

Essa convocação repentina no amanhecer cinzento foi um tanto assustadora para uma enfermeira com três dias de experiência, como eu. Assim que a batida estrondosa veio à nossa porta, saltei da cama, preparada *para fardar meu uniforme, e nas trincheiras morrer*¹, se necessário fosse. Minha colega de quarto recebeu o chamado com mais tranquilidade e, enquanto tomava um banho rápido, respondeu à minha pergunta com certa perplexidade:

— Não, meu anjo. São os feridos de Fredericksburg. Quarenta ambulâncias estão à porta, em quinze minutos teremos as mãos ocupadas.

— O que vamos fazer?

— Lavar, vestir, alimentar, aquecer e cuidar pelos próximos três meses, creio eu. Oitenta camas estão prontas e estávamos impacientes pela chegada dos homens. Agora você começará a presenciar a vida de um hospital de fato, pois provavelmente não terá tempo para se sentar ao longo dia e poderá se considerar sortuda se chegar à cama à meia-noite. Me acompanhe ao salão quando estiver pronta. Os piores casos são levados pra lá e precisarei da sua ajuda.

Dito isso, a mulherzinha enérgica prendeu o cabelo em um coque, como quem mostra que está pronta para a ação, e sumiu, abrindo caminho enquanto tentava entrar em um sobretudo.

Confesso que, naquele momento, percebi que minha cama de hospital não era um mar de rosas e que os momentos seguintes não seriam de êxtase. Meus três dias de experiência começaram com uma morte e, devido ao desfalque de outra enfermeira, com um mergulho abrupto na superintendência de uma enfermaria de quarenta leitos. Ali, passei minhas horas limpando rostos, servindo refeições, dando medicamentos e me sentando em uma cadeira muito dura, com a pneumonia de um lado, a difteria do outro, cinco tifoídes no outro canto e uma dúzia de patriotas despedaçados. Estavam todos jogados ou saltando pelos cantos, encarando a nova *fermera*, que sofria incalculáveis agonias, mas as escondia sob uma fachada tão maternal quanto uma solteirona poderia assumir, cumprindo seu trabalho aos trancos, portando uma firmeza espartana que espero que apreciassem, mas temo que não.

Tendo um gosto por coisas medonhas, eu havia torcido para que os feridos chegassem logo, pois o reumatismo não é heroico, nem a queixa hepática ou o sarampo. Até mesmo a

febre havia perdido seu charme. Mas quando espiei a rua sombria e vi alinhadas o que inocentemente chamei de carroças de mercado, que agora descarregavam sua triste carga à nossa porta, lembrei-me de várias histórias que ouvi de enfermeiras mais experientes; meu empenho passou por um súbito arrepio e me entreguei ao desejo muito antipatriótico de estar a salvo em casa, com um dia calmo à minha espera, sem a necessidade de correr como se fosse uma galinha que precisa saltar do poleiro, dar uma bicada na plumagem e se preparar para o dia. Uma segunda batida na porta enxotou esse desejo covarde e uma cabecinha apareceu na porta. Joey — um ex-escravo de seis anos — anunciou:

— A senhora Blank tá louca atrás d'ocê, dizendo pra voar pra lá. Eles tão chegando aos bando. Um veio mortinho, eu vi ele e péu! Num é que morreu!

Com essa informação alegre, o diabinho saiu correndo, cantando como um passarinho. Eu o segui, sentindo que Ricardo não era mais ele mesmo e não seria por muito tempo².

Meu primeiro contato foi com um regimento dos piores odores que já tomaram de assalto o olfato humano. Mesmo as mais pútridas colônias não chegam perto desse cheiro. O pior é que todos me garantiram que essa é uma doença crônica de todo hospital e que eu deveria suportá-la. Assim o fiz, armada com água de lavanda, que borrifei tanto em mim e nas premissas que, como minha amiga Sairy, fiquei conhecida entre os pacientes como *a enfermeira da garrafa*³. Atropelada por três cirurgiões animados, trombando em baldes de carvão e de água e em pequenos garotos, além de quase escaldada por uma avalanche de bules de chá e presa num emaranhado de mulheres negras que vinham lavar roupa, progredi devagar entre os andares até chegar ao salão principal, para então fazer uma pausa, tomando um ar e dando uma olhada em volta.

Ali estavam! *Nossos bravos rapazes*, como os jornais os chamavam, e com justiça, pois covardes dificilmente se encontram perfurados por balas e granadas, rasgados e despedaçados, ou com sofrimentos para os quais nem nome temos, enquanto se mantêm como fortalezas resignadas, felizes de chamar uns aos outros de irmãos. Alguns vieram em macas, outros nos braços de homens, tantos cambaleando fracamente em muletas toscas, e um rígido, ainda com o rosto coberto, enquanto um camarada informava seu nome para o registro antes de levá-lo ao local dos mortos. Havia correria e confusão; o salão estava cheio desses seres humanos em ruínas, pois mesmo os mais exaustos não poderiam se deitar antes de serem registrados. Nas paredes estavam os que conseguiam sentar, o chão coberto com os mais incapazes, as escadas e portas contendo ajudantes e espectadores. O som de passos e

vozes tornava aquela hora, habitualmente silenciosa, tão barulhenta como ao meio-dia. No meio disso tudo, o rosto maternal da enfermeira-chefe trazia mais conforto às pobres almas do que a medicação que administrava ou as palavras alegres que as recebiam, tornando o hospital um lar.

A visão de várias macas, cada uma com seu ocupante sem pernas, sem braços ou desesperadamente ferido entrando em minha enfermaria, advertiu-me que estava lá para trabalhar, não para divagar ou chorar. Suprimi então meus sentimentos e retornei ao trabalho que, naquele momento, era *um caminho difícil de percorrer*⁴. O local havia sido um hotel antes de que se precisasse de mais hospitais e muitas das portas ainda exibiam seus nomes antigos, alguns não tão inapropriados para a situação — o meu era realmente um salão de eventos; os eventos eram pessoas morrendo pelos cantos.

6 Quarenta camas foram preparadas, muitas já ocupadas por homens cansados que caíam em qualquer lugar e permaneciam sonolentos até o cheiro de comida os despertar. Ao redor do grande fogão, encontrava-se o grupo mais melancólico que já vi — esfarrapados, magros e pálidos, com lama até os joelhos e ataduras ensanguentadas, intocadas desde o dia anterior. Muitos embrulhados em cobertores, pois os casacos estavam perdidos ou inutilizáveis, vestidos com aquele olhar desolado que proclama a derrota mais claramente que qualquer telegrama vindo do general Burnside⁵. Eu tinha tanta pena que não me atrevia a falar, apesar de, ao lembrar de tudo que haviam passado desde a derrota de Fredericksburg, ansiava por servir o mais soturno deles. Nesse momento, a Sra. Blank me raptou do refúgio atrás das pilhas de ataduras, camisas sem mangas e meias sem par, colocou uma bacia, esponja, toalhas e um bloco de sabão marrom em minhas mãos e deu essas instruções pavorosas:

— Venha, minha querida, comece a lavá-los o mais rápido que puder. Diga para tirarem as meias, casacos e camisas, esfregue-os bem, vista-os com camisas limpas e os atendentes terminarão o serviço e os deitarão na cama.

Se ela tivesse solicitado que raspasse suas barbas ou que dançasse em cima da chaminé do fogão, eu ficaria menos atordoada. Mas esfregar dezenas de varões, de uma hora para outra, era um tanto... *um tanto*. Não havia, contudo, tempo para bobagens e, tendo decidido que faria de tudo, afoguei meus escrúpulos no balde, agarrei meu sabão virilmente e, assumindo um ar profissional, ataquei o primeiro indivíduo sujo que vi pela frente, empenhada em executar minha tarefa *vi et armis*⁶, se necessário fosse. Por acaso, escolhi um irlandês velho e murcho, ferido na cabeça, o que fazia que essa parte do seu corpo parecesse

um jardim, as ataduras sendo o canteiro e seu cabelo, os arbustos. Ele ficou tão chocado pela honra de ter uma dama lavando-o, como ele mesmo expressou, que não fez nada além de revirar os olhos e me abençoar, de uma forma irresistível para o meu senso do ridículo. Rimos juntos e, quando me ajoelhei para tirar seus sapatos, ele se debateu e não me permitiu tocar “nessas imundices”:

— Sua cama lá em cima vai ser bem quentinha, minha querida, por esse trabalhão que tá tendo! Minha nossa, é difícil de dizer qual tá mais sujo, o sapato ou o pé.

E realmente era. Se ele não tivesse se adiantado, eu teria puxado para sempre, pensando que o pé era uma bota; as calças, meias, sapatos e pernas eram tudo uma massa de lama. Esse quadro cômico produziu um sorriso geral.

O começo propício me animou e saí esfregando a todos, como uma mãe caprichosa num sábado à noite. Alguns receberam a limpeza como crianças sonolentas, inclinando a cabeça contra mim enquanto trabalhava. Outros pareciam escandalizados, alguns dos mais brutos corando como garotinhas tímidas. Um deles vestia um colar com um saquinho sujo pendurado; quando o movi para limpar seu peito ferido, falei:

— Seu talismã não ajudou muito, não é?

— Bem, eu acho que sim, senhora. A bala teria entrado ainda mais fundo se eu não tivesse usando o colar de cânfora da minha velha mamãe —, respondeu o filósofo animado.

Outro, com um ferimento de bala na bochecha, pediu por um espelho e, quando o entreguei, olhou para seu rosto com uma expressão dolorosa, enquanto murmurava:

— Grande pai, que pena! Eu não era um cara feio antes, mas agora acabou-se. Não vai ficar uma cicatriz enorme? O que a Josephine Skinner vai pensar?

Ele se virou para mim com seu único olho tão suplicante que tive que controlar o riso. Garanti que se Josephine fosse uma garota sensata, ela iria admirar a honrosa cicatriz como uma prova de que ele havia enfrentado o inimigo, pois todas as mulheres consideram uma ferida o melhor acessório que um bravo soldado poderia vestir. Espero que a Srta. Skinner tenha confirmado a boa opinião que expressei tão precipitadamente sobre ela, mas nunca saberei.

A limpeza seguinte foi em um rapaz bonito, com uma juba marrom encaracolada e um farelo de pão em cima do lábio que ele chamava de bigode e defendeu firmemente quando o barbeiro jocosamente sugeriu raspar. Ele estava deitado na cama, sem uma das pernas e com o braço direito tão aniquilado que, evidentemente, seguiria junto. O jovem sargento, no entanto, estava alegre, como se não valesse a pena lamentar suas aflições. Quando uma gota

ou duas de água salgada se juntaram à espuma ao ver esse corpo jovem e forte tão marcado e mutilado, o garoto me olhou e, com um sorriso corajoso, embora houvesse um pequeno tremor nos lábios, disse:

— Não precisa se lamentar por minha causa, senhorita. Aqui eu estou na primeira classe. É uma loucura ficar quieto nessa cama depois de me debater naquelas ambulâncias, que fazem o que sobrou da pessoa virar gelatina. Eu nunca estive em um desses lugares antes e essa limpeza é animadora pra nós, embora eu tema que não seja o mesmo para vocês.

— Essa foi sua primeira batalha, sargento?

— Não, senhorita. Passei por seis batalhas e nunca havia tido um arranhão até essa última. Mas ela compensou as outras, devo dizer. Senhor amado! Que confusão não haverá de braços e pernas quando sairmos das nossas sepulturas, no Dia do Julgamento. Será que receberemos os nossos membros de volta? Se for assim, minha perna terá que vir lá de Fredericksburg e meu braço daqui, suponho, para encontrar meu corpo, onde quer que esteja.

A ideia pareceu diverti-lo imensamente, pois riu com vontade, e eu também — o que, sem dúvidas, fez com que a nova enfermeira fosse considerada pelo capelão uma pecadora cabeça-de-vento. Ele vagava pelo lugar, informando aos homens que todos eram vermes de corações corrompidos, com corpos perecíveis e almas que só seriam salvas através de uma leitura aplicada de certos folhetos e outras palavras igualmente animadoras para um conforto ascético, quando um conforto alcoólico teria sido preferido.

— Olha aqui, senhora! —, chamou uma voz atrás de mim. Ao me virar, vi um homem bruto, de Michigan, com um braço detonado na altura do ombro e duas ou três balas ainda alojadas, fato que mencionou depois tão despretensiosamente como se todo cavalheiro tivesse o hábito de carregar essas frivolidades. Fui até ele e, enquanto administrava sua dose de água e sabão, sussurrou, irritado:

— Aquele demônio ruivo ali é uma droga de um rebelde⁷! Você também acha isso, né? Ele tem um pé a menos, ou algum corte, como *tudo* o resto aqui. Não lava nem alimenta ele, deixa que grite até cansar. É uma vergonha ter esses caras aqui, ao nosso lado. Vou dizer isso pro sujeito que manda nessas coisas, pode me bater se eu não fizer.

Lamento dizer que, naquele momento, não proferi um sermão sobre o dever de perdoar nossos inimigos e o pecado da agressão. Sendo uma abolicionista dos pés à cabeça, olhei fixamente para o rebelde alto, que era uma víbora⁸, em todos os sentidos, e internamente resolvi colocar sabão em seus olhos, esfregar seu nariz de baixo para cima e escoriar sua cutícula, se tivesse que lavá-lo.

Minhas amáveis intenções, no entanto, foram frustradas. Quando me aproximei, com uma expressão tão cristã quanto meus princípios permitiam, e fiz a pergunta: *Devo tentar deixá-lo mais confortável, senhor?*, tudo que recebi foi um rude:

— Não, eu mesmo faço.

Eis aqui uma prova do cavalheirismo sulista, pensei, despejando a bacia sobre ele, saciando assim o forte desejo de dar-lhe um batismo em troca de sua falta de graciosidade. Minha ira diante dessa recusa cresceu de uma maneira que teria escandalizado o bom Dr. Watts. Ele foi uma decepção em todos os aspectos (o rebelde, não o abençoado doutor), pois não era diabólico, romântico, patético ou qualquer coisa interessante. Era um homem longo e gordo, a cabeça como um arbusto em chamas e o rosto perfeitamente inexpressivo. Assim, o odiei sem culpa e ignorei sua existência a partir daquele dia. Uma característica positiva, ao menos, ele certamente possuía: sua limpeza era tão vigorosa que logo sua cama se tornou uma ilha em um mar de espuma de sabão, e ele um tritão que perdeu o rabo. Se a limpeza é uma vizinha próxima do divino, então aquele rebelde alto era, naquele dia, o homem mais abençoado da minha ala.

Depois de lavar nosso cesto de pessoas sujas e colocá-las pra secar, a segunda parte de nossa missão foi realizada com muito sucesso. Grandes bandejas com pão, carne, sopa e café apareceram. Enfermeiras e atendentes se tornaram garçonetes, servindo porções abundantes para todos que conseguiam comer. Meu avental era testemunha da avidez no serviço, já que em dez minutos se tornou uma refeição ambulante, apresentando amostras de todas as bebidas oferecidas. Foi uma cena animada: o quarto comprido, com fileiras de camas alinhadas, cada uma preenchida por um ocupante a quem a água, a tesoura e as roupas limpas transformaram de um maltrapilho desagradável em um herói descansado. De um lado para o outro passavam enfermeiras, criadas e rapazes apressados, batalhando com facas e garfos, recuando com pratos vazios, marchando e volvendo, com pleno sucesso, enquanto o choque de colheres criava uma música inspiradora para a carga da nossa Brigada Ligeira:

Camas à frente deles,

Camas à direita deles,

Camas à esquerda deles,

Ninguém tropeçava.

Evocada por alma faminta,

Exigindo tigela provida,

Além de carne cozida,

Limpa e despedaçada.
Café e não canhão a moer,
Todos devemos satisfazer,
Se irão viver ou morrer,
Toda gente questionava⁹.

A refeição generosa era muito bem-vinda após uma semana de sofrimento, exposição e racionamento de comida. Logo os rostos começaram a apresentar sorrisos, enquanto a comida, o calor e o descanso faziam seu agradável serviço. Os agradecimentos eram seguidos por relatos de batalhas e retiradas mais explícitos do que qualquer repórter poderia ter noticiado. O curioso contraste entre o trágico e o cômico era comum, e alguns episódios comoventes e outros ridículos poderiam ter sido registrados naquele dia. Um homem de New Hampshire, medindo um metro e oitenta, com uma perna quebrada e perfurada por um estilhaço — um buraco tão grande que, se eu não tivesse visto, teria pensado que era como uma das histórias do Barão de Munchausen — me chamou para ajudá-lo, pois não conseguia se sentar e sua barba e cama estavam encharcadas de sopa. Enquanto alimentava meu filhote gigante com colheradas, perguntei como se sentiu durante a batalha.

10

— *Óia*, foi minha primeira, sabe, então *num* tenho vergonha de *dizê* que tava *atucanado* no começo. A algazarra era muito alta e se tem um negócio que me incomoda, é barulho. Mas quando meu *cumpádi* Eph Sylvester caiu, com uma bala no meio dos *zóio*, fiquei danado e saí atirando *feito bicho*. A nossa parte na luta não durou muito, não. Então *saimo* por Fredericksburg, dando uma boa remexida em umas casas, até que mandaram *nóis* sair daquela bagunça. Uns *vazaram* na hora, mas eu *num* sou de correr de ninguém, não. Quando me dei conta, um explosivo estourou bem na frente e eu tombei, voando mais alto que pipa. Aí gritei e os *menino* vieram ligeiro. Mas o jeito que me jogaram por cima da cerca foi um sinal, viu. No outro dia eu tava mais preto que a noite, lambendo os *prato*. Esse café é uma *pedrada*, né? Me consegue mais um *cadinho*, faz favor.

Assim o fiz e, enquanto o último gole descia, ele me disse, esfregando um lenço velho na boca e também nos olhos:

— *Óia* só. Eu tenho um par de brincos e um broche que *vô* te *dá*, se *ocê* aceitar, porque *ocê* é igualzinha à Lizzy Sylvester, a moça do coitado do Eph. Foi por isso que te chamei. *Num* é muita coisa, mas vai servir pra lembrar da batalha contra os rebeldes.

Ele retirou um pequeno embrulho de baixo do travesseiro e me presenteou galantemente com os brincos, cada um representando um belo cacho de uvas, e um broche

que mostrava uma cesta de frutas surpreendente, tão grande e cheio de cobre que daria para transformá-lo em uma frigideira. Sentindo-me receosa em privá-lo de relíquias tão preciosas, aceitei apenas os brincos e precisei partir abruptamente, enquanto meu amigo colocava a frigideira no peito, olhando para ela com muita delicadeza. Em seu coração bruto talvez houvesse alguma lembrança tenra do companheiro perdido.

Percebendo que o homem da cama ao lado havia deixado sua refeição intocada, ofereci o mesmo serviço que havia realizado para seu vizinho, mas ele balançou a cabeça.

— Obrigado, senhora. Acho que nunca mais comerei de novo, pois levei um tiro no estômago. Mas aceito um pouco de água, se não estiver muito ocupada.

Saí apressada, mas os baldes de água tinham ido ser reabastecidos e demorou algum tempo para que retornassem. Não esqueci, contudo, do meu paciente paciente. Agarrando a primeira caneca, corri de volta para ele. Parecia adormecido, mas algo em seu rosto branco e cansado me fez buscar a respiração em seu nariz. Não a encontrei. Toquei em sua testa; estava gelada. Então entendi que, enquanto me esperava, uma enfermeira melhor que eu havia lhe dado um gole gelado, o curando com seu toque. Cobri com um lençol o adormecido silencioso, a quem nenhum barulho poderia agora perturbar. Meia hora depois, sua cama estava vazia. Me pareceu uma recompensa pobre por todo seu sacrifício e sofrimento — aquela cama de hospital, solitária em meio à multidão, sem haver ali rostos familiares para que desse uma última olhada. Nenhuma voz amiga que dissesse adeus. Nenhuma mão que o conduzisse gentilmente ao Vale da Sombra. Ele apenas desapareceu, como uma gota naquele mar vermelho em cujas margens tantas mulheres se lamentam. Por um momento, senti-me amargamente indignada com esse aparente descuido pelo valor de uma vida e pela santidade de uma morte. Consolei-me com o pensamento de que, quando o grande chamado viesse, muitos desses homens desconhecidos poderiam ser promovidos acima de vários outros para os quais grandes monumentos eram erguidos, registrando estéreis honras.

Tendo todos comido, bebido e descansado, os cirurgiões começaram suas rondas e tive minha primeira lição na arte de lidar com feridas. A cena definitivamente não era festiva, pois o Dr. P., a quem fui designada a ajudar, trabalhava com um vigor que logo me convenceu de que eu era de uma outra espécie mais fraca, embora nada me fizesse confessá-lo naquele momento. Ele havia servido na Crimeia e parecia ter a mesma consideração por um corpo despedaçado que eu teria por uma roupa danificada. Arregaçando as mangas, começou a agir como uma dona de casa bem desagradável, cortando, costurando, remendando e bordando com o entusiasmo de uma costureira experiente enquanto explicava

o processo para o paciente em termos científicos, o que era, é claro, imensamente alegre e confortável. Havia um estranho fascínio em assisti-lo enquanto observava e sondava o mecanismo daqueles maravilhosos corpos, cujos mistérios ele entendia tão bem. Quanto mais intrincada a ferida, mais ele gostava. Um pobre soldado, sem as duas pernas e com um tiro nos pulmões, era mais atraente para ele do que uma dúzia de generais levemente arranhados em algum *recuo magistral*. Se alguém tivesse aparecido em pedaços, solicitando ser montado novamente, ele teria considerado um presente.

As amputações só aconteceriam no dia seguinte e a mágica misericordiosa do éter foi considerada desnecessária naquele momento, portanto as pobres almas tiveram que suportar suas dores da melhor maneira que podiam. É usual falar da paciência da mulher — e longe de mim despi-la desse mérito, pois os céus sabem que não se permite que receba muitos —, mas a paciência suportada por esses homens sob a provação da dor era realmente incrível. A força deles parecia contagiante; poucos deixavam escapar um grito, embora eu mesma quisesse gritar por eles quando o orgulho fazia que selassem os lábios, com grandes gotas aparecendo em suas testas e a cama balançando com o tremor irreprimível de seus corpos torturados. Um ou dois irlandeses abominaram os doutores com a franqueza de sua terra, ordenando que a Virgem velasse por eles, como se ela fosse uma senhorinha obrigada a estar ali, podendo ser espetada se escapasse. Mas, no geral, o trabalho prosseguia em silêncio, interrompido apenas por um pedido silencioso por ataduras, instrumentos ou gesso, um suspiro do paciente ou um murmúrio de simpatia da enfermeira.

Já havia passado do meio-dia quando esses reparos foram parcialmente finalizados. Tendo colocado o corpo dos rapazes em algo próximo da ordem, a próxima tarefa era cuidar de suas mentes: escrever cartas para as almas ansiosas em casa, responder a questões, ler jornais e também cuidar de dinheiro e objetos de valor, já que o oitavo mandamento havia sido posto em uma situação bem precária por todos os homens que ornamentavam nosso hospital com sua presença. Livros, bolsas, relógios e pequenos objetos eram lacrados, rotulados e entregues à enfermeira-chefe até que seus proprietários estivessem prontos para partir para casa ou para a batalha novamente. As cartas que me ditaram e as que revisei naquela tarde dariam um excelente capítulo em um livro futuro sobre a história da guerra, pois como a de Thackeray escrita para sua mãe antes da Batalha de Waterloo, essas também eram *cheias de afeto, coragem e erros de ortografia*. Quase todas forneciam uma descrição vívida da batalha e terminavam com uma súbita mudança do patriotismo para o prato,

pedindo à "Mamãe", "Mary Ann" ou "Tia Peters" que enviasse algumas tortas, picles, doces e maçãs, "do seu querido e afoito" Joe, Sam, Ned ou afins.

Meu pequeno sargento insistiu em rabiscar alguma coisa com sua mão esquerda, pacientemente completando meia dúzia de linhas cheias de hieróglifos que prontamente me entregou para dobrar e enviar, com um rubor juvenil que causou um clima desnecessário de *Minha querida Jane*¹⁰, fazendo-me acreditar que o rapaz heroico era mais bem-sucedido como comandante do Cupido do que de guerra. Um romancezinho encantador nasceu então nas fantasias da enfermeira Periwinkle, apesar de nenhuma outra declaração ter sido feita naquele dia, já que o sargento adormeceu e, julgando por seu rosto sereno, visitou sua amada em seus sonhos.

Às cinco horas, o grande sino tocou e as atendedoras correram, não para a batalha, mas para as bandejas, levando o jantar assim que um segundo alvoroço indicou que estava pronto. Os recém-chegados acordaram com o som e, naquele momento, descobri que é necessária uma ferida muito grave para incapacitar esses defensores da fé de consumir uma refeição. A quantidade que alguns sequestraram era inacreditável. Quando sugeri à chefe uma possível falta no estoque, aquela senhora maternal falou:

— Abençoados sejam, não deveriam comer? É sua única alegria. Deixe-os à vontade e, se não houver o suficiente à noite, entregarei minha própria parte ao Senhor, dando-a aos rapazes.

Com o bule de café e um prato de torradas, ela alegrou os olhos e estômagos de dois ou três heróis insatisfeitos, servindo-os com generosidade. Não tive a menor dúvida que, depois de lançar seu pão sobre as águas¹¹, ele voltou amanteigado, como outra senhora de grande coração costumava dizer.

Chegou, então, o momento da visita noturna do doutor, com a administração de medicações, lavagem de rostos febris, alisamento de lençóis amassados, limpeza de feridas, canções de ninar e preparativos para a noite. Às onze, o derradeiro trabalho de amor foi terminado, o último *boa noite* dado e, se alguém merecia uma recompensa por seu serviço, certamente a recebeu com o eloquente silêncio daqueles rostos pálidos e pacíficos no quarto escuro. Os deixamos, seguidas por olhares gratos que nos iluminaram até nossas camas, onde o agradável descanso tornou nossos travesseiros macios, enquanto a Noite e a Natureza tomavam nossos lugares, enchendo aquela casa da dor com a milagrosa cura do Sono e de sua divina irmã, a Morte.

REFERÊNCIA

Alcott, L. M. (1863) A Day. L. M. Alcott. In *Hospital Sketches*. (pp. 31 –45) James Redpath Publisher. <https://digital.library.upenn.edu/women/alcott/sketches/sketches.html#31>

¹ N. do t.: Citação do poema *Marguerite of France*, da poetisa inglesa Felicia Hemans (1793-1835).

² N. do t.: Alusão a *Richard III*, peça do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564 – 1616).

³ N. do t.: Alusão à enfermeira alcoólatra Sarah Gamp, personagem da obra *Martin Chuzzlewit*, do romancista inglês Charles Dickens (1812 – 1870).

⁴ N. do t.: Alusão a *Jordan is a Hard Road to Travel*, canção popular creditada ao artista estadunidense Dan Emmett (1815 – 1904).

⁵ N. do t.: O general Ambrose Burnside (1824 – 1881) comandou o exército da União na Batalha de Fredericksburg, uma das maiores derrotas do Norte na Guerra de Secessão. Seus erros táticos custaram mais de 10.000 vidas.

⁶ N. do t.: Expressão jurídica proveniente do latim, podendo ser traduzida como “à força”.

⁷ N. do t.: Expressão utilizada pelos apoiadores da União para se referirem aos Confederados.

⁸ N. do t.: *Copperheads* — víboras, em tradução literal — era como eram conhecidos os membros do Partido Democrata da União que se opunham à Guerra de Secessão.

⁹ N. do t.: Adaptação do poema *The Charge of The Light Brigade*, do poeta inglês Alfred Tennyson (1809 – 1892).

¹⁰ N. do t.: Possível alusão à obra *Pride and Prejudice*, da escritora inglesa Jane Austen (1775 – 1817).

¹¹ N. do t.: Alusão à passagem bíblica de Eclesiastes 11:1.